

# MEMÓRIAS DIGITAIS: histórias escolares revisitadas nas redes sociais virtuais

ROBSON FONSECA SIMÕES

Doutor em Educação. Professor do Departamento de Ciências da Educação, Núcleo de Ciências Humanas da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus Porto Velho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar; Mestrado Profissional em Educação Escolar (PPGEE/MEPE/UNIR).

E-mail: [fonsim2000@hotmail.com](mailto:fonsim2000@hotmail.com)

**Resumo:** Enveredar pelas comunidades escolares virtuais, numa possível reaproximação da minha tese de doutoramento, é a vocação deste artigo. De que maneira as memórias dos ex-alunos se inscrevem nas redes sociais da web? Os *scraps* produzem um imaginário e exprimem relações com os sujeitos ou grupos do tempo escolar, trilhando pelos caminhos das memórias das vidas dos usuários; será que podemos considerá-lo um texto autobiográfico? O mundo das novas tecnologias otimizou novos espaços de sociabilidade, de informação; as memórias nas comunidades escolares do Orkut, mais especificamente, do Colégio Militar do Rio de Janeiro, assim como do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro mantêm um espírito romântico aceso, mesmo no imperativo das conexões virtuais. Nos diários *on-line*, os sujeitos também escrevem as suas experiências escolares. Por que os usuários escrevem as suas histórias nessas redes virtuais? É possível pensar que, em frente à tela do computador, os usuários encurtam distâncias de um tempo escolar; diminuindo as saudades, as lembranças escolares se multiplicam, anunciando uma nova prática de escrita, insinuando-se por novos “refúgios do eu”. A performance discursiva dos *posts* constrói as memórias dos sujeitos nessa rede social virtual. Valho-me dos estudiosos Alberca (2000), Bakhtin (1999), Chartier (2002), Sibilia (2008) para me ajudar a pensar que os sujeitos também se constroem nos diversos suportes das escritas pessoais.

**Palavras-chave:** Escritas nas redes sociais virtuais. Comunidades do Orkut. Memórias escolares. História da Educação.

## MEMÓRIAS DIGITAIS: HISTÓRIAS ESCOLARES REVISITADAS NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

*6 de maio. Data em que todos retornam para lembrar aqueles tempos, tempos em que a antiguidade era posto, tempo em que se amava a aula de literatura e de biologia, enfim, tempo em que éramos felizes e não sabíamos...<sup>1</sup>*

Ao ler a epígrafe desse artigo, o leitor poderia se confundir se essas palavras não estariam num diário íntimo, ou numa carta confidencial; ou até mesmo numa missiva destinada a alguém muito querido, o que nos remete aos textos românticos, modernos, que eram desenvolvidos entre quatro paredes, no silêncio das acomodações íntimas, dada a semelhança do tom saudoso observado na narrativa do usuário Carvalho, ex-aluno do Colégio Militar do Rio de Janeiro, encontrada na sua página da rede social no Orkut<sup>2</sup>.

A escrita, feita em primeira pessoa, confere ao dia 6 de maio, possivelmente uma data importante daquela instituição de ensino carioca, uma inspiração para que ele possa reviver os momentos escolares que mais saltam aos seus olhos e ao seu coração. Imbuído de uma paixão por um tempo vivido, o ex-aluno narra a sua história a partir de curtas passagens do seu cotidiano, marcando a sua vida no Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Quando me refiro à modernidade, é possível refletir um duplo sentido, isto é, imaginar que estamos fazendo referência aos acontecimentos do mundo contemporâneo, ou atentar para o que historicamente podemos entender por Idade Moderna. De fato, o termo modernidade se transformou em uma palavra que denota o mundo em que vivemos. Encurtar distâncias, desvendar a natureza, lançar em mares nunca antes navegados foram apenas uma das poucas realizações que definem esse período histórico. Nesse sentido, Ariès (1981) destaca três fatores

---

<sup>1</sup> Escrita retirada do Orkut em 10/08/2011, *Fórum 25 anos da turma de 1984*, da comunidade do Colégio Militar do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Carvalho em 12/01/2005.

<sup>2</sup> A minha aproximação às comunidades do *Orkut* foi motivada na medida em que percebia naquele espaço virtual um ambiente privilegiado para investigação das escritas; ali os sujeitos das escolas centenárias do estado do Rio de Janeiro organizavam festas, encontros, reverenciavam o passado, lutavam para manter a tradição das escolas, bradavam o orgulho de ter pertencido àquelas instituições de ensino, contagiando outros usuários com os seus testemunhos dos tempos dos bancos escolares. A escolha dessas fontes como possíveis objetos de estudo justificou-se por se tratar de uma documentação no ambiente virtual que não pode ser mais desconsiderada pelos pesquisadores; as histórias de um passado escolar também são postadas nas redes sociais da web, tornando-se, portanto, visíveis, expostas, fazendo parte do “*show do eu*”. A rede social do *Orkut*, assim, foi uma fonte privilegiada para a historiografia da Educação, o que nos remeteu à ideia da efemeridade das redes de sociabilidades no universo digital.

como fundamentais para a compreensão do processo que conduziu a uma modificação das mentalidades na idade moderna:

1) o novo papel desempenhado pelo Estado, que, passa a se impor cada vez mais e sob modos diferentes no espaço social antes reservado às comunidades; 2) o desenvolvimento da alfabetização e da leitura, sobretudo graças à imprensa, que contribui para a ampliação da prática da leitura silenciosa, tornando-se uma alternativa para a leitura em voz alta, até então única maneira de se ler; 3) as novas formas de religião desenvolvem uma devoção interior – sem excluir, muito pelo contrário, outras formas coletivas da vida paroquial –, o exame de consciência, sob a forma católica da confissão ou a puritana do diário íntimo. (ARIÈS, 1981, p. 10)

Ao inaugurar oficialmente a era moderna Sibilía (2008) destaca a proposta cartesiana de voltar-se para dentro de si; portanto, não se visava mais à busca de um encontro com Deus no interior da própria subjetividade. A noção ganhava cada vez mais autonomia junto às capacidades individuais de ordenamento racional e junto à gradativa secularização do mundo que acompanharia os processos civilizatórios da sociedade industrial. No entanto, esses trajetos não foram lineares, mas zigzagueantes; essas novidades se impuseram até se naturalizarem hegemônicas.

Nesse sentido, a interioridade individual foi coagulando, assim, como um lugar misterioso, rico e sombrio, localizado dentro de cada sujeito. Assim, um âmbito secreto onde despontam e são cultivados os pensamentos, sentimentos e emoções de cada um, em oposição ao mundo exterior e público; o que Sibilía (2008, p. 96) destaca: “nascia nessas páginas as escritas de si”.

Por seu turno, Henrique (2009) nos ajuda a refletir que os sujeitos souberam criar alternativas para superar as dificuldades encontradas nos suportes para a escrita de si; como sugere Lacerda (2003), esses registros, apoiados ou não em diários, com maior ou menor valor literário, são representativos como uma documentação pessoal, pois as informações sobre a vida do autor revelam diferentes experiências, circunstâncias e situações da vida.

Ao escolher um tópico no Fórum, o usuário tem ao seu favor a leitura das postagens dos usuários que mantêm os seus depoimentos para abrihantarem as suas experiências e seus relatos na instituição de ensino que estudou. Nesse espaço, há relatos que um dia, na história desses ex-alunos, tenham exigido segredos, silêncios; é o que se pode examinar nos *scraps* a seguir da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro.

Eu tenho MUITTAASSS SAUDDADDES da nossa turma de Bio... Momentos inesquecíveis vividos no colégio, parecem não sair das nossas memórias!!!!  
Beijussss<sup>3</sup>  
Quem não se lembra das aulas práticas nos laboratórios? Serviram para a minha vida.... Abção...<sup>4</sup>  
Eu amava as aulas práticas... eu me lembro do dia que faltou luz geral... foi um horror... RISUS... VLWWWWW... Bjs<sup>5</sup>

As escritas da usuária Raquel parecem testemunhar o esforço em observarmos que cada texto constrói seus próprios leitores. A expressão “MUITTAASSS SAUDDADDES” pode traduzir a emoção – em letras maiúsculas – conferindo a sua inserção linguística numa rede social da comunidade escolar do *Orkut*. Nesta alusão a um possível espírito romântico, reconhece-se aquilo que se pode inferir a qualquer vanguarda: ilegibilidade perante aos anteriores protocolos de leitura e ruptura com a tradição antiga; atitude tão radical que, virando do avesso os valores, parece entronizar o feio, a desordem e o incompreensível nas escritas de si. Parece que os holofotes linguísticos se direcionam aos feitos relevantes a favor dos usuários da comunidade escolar.

Se nos textos diaristas íntimos observam-se a utilização de datas, a explicitação de lugares, pessoas e situações do cotidiano, assim como é possível examinar a elaboração de textos compactos, de informações breves e mais ou menos contínuas, interesse do sujeito no registro das impressões e das expressões sobre o vivido no âmbito individual, examinei certa semelhança com os *scraps* postados nas comunidades escolares. Nessa acepção, quem sabe, da mesma forma que numa narrativa folhetinesca, recortada em capítulos diários ou semanais, os usuários complementem nesse espaço virtual, as suas histórias escolares vividas.

Os estudos de Lacerda (2003) sobre as escritas memorialísticas podem despertar a atenção dos pesquisadores ao se trilhar pelos caminhos das memórias de vida; a autora nos instiga a pensar que os relatos podem assumir outras denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, embora todos esses textos sejam sobreposições

---

3 Escrita retirada do *Orkut* em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Raquel em 21/08/2009.

4 Escrita retirada do *Orkut* em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Ana T. em 21/08/2009.

5 Escrita retirada do *Orkut* em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Gisele em 21/08/2009.

da trilogia: diário—memória—autobiografia; o que diferencia essas formas literárias de outras são as possíveis marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, o que nos remete ao pacto autobiográfico:

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo; alguém pede para ser amado; é você quem deverá fazê-lo. Trata-se de uma proposta que só envolve o autor; o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar a sua reação. (LEJEUNE, 2008, p. 118)

Nessa acepção, é possível entender que o texto denominado autobiográfico constitui-se como marcas de um estilo próprio e maior afinidade com o literário. Se por um lado, o traço literário oferece ao texto características ficcionais e, por isso, poder-se-iam levantar suspeitas sobre a verossimilhança na escritura, então, observa-se um possível nó no campo da Teoria Literária e nos estudos sobre as memórias: realidade e imaginação; vivência e representação.

Sobre essas lacunas memorialísticas, Perpétua (1997) considera que o pacto autobiográfico é selado num acordo tácito de cumplicidade entre quem escreve e quem lê, à medida que o texto avança e que se partilham experiências do mundo íntimo do autor. É nesse sentido que os *scraps* a seguir, do Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, na comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, podem ilustrar essa reflexão.

O que era mais difícil p/ mim nas aulas de BIOMOL era a decoreba... Eu não queria decorar os elementos... Abços<sup>6</sup>  
 Já naquela nossa época eu já entendia que eu ia ser médico... Muito bommm<sup>7</sup>  
 Eu fui monitora das aulas de prática. Meu aprendizado me levou a grandes conquistas na vida. Beijinhos!!!!<sup>8</sup>

As características marcantes das escritas memorialísticas dos usuários dessa rede social são as memórias sobre as aulas práticas nos laboratórios naquela instituição de ensino; esses

6 Escrita retirada do *Orkut* em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuário Henrique em 22/08/2009.

7 Escrita retirada do *Orkut* em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuário Manoel em 24/08/2009.

8 Escrita retirada do *Orkut* em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Evelise em 24/08/2009.

*scraps* acenam e ao mesmo tempo desvelam, palavra por palavra, as vivências pessoais das vidas escolares dos usuários.

Ao relatar: “eu não queria decorar os elementos”, o usuário Henrique procura descrever suas vivências escolares, apoiando-se em fórmulas verbais para acomodar o passado; nesse exemplo, o pretérito imperfeito, combinado ao infinitivo pessoal, exemplifica possíveis sentidos de algo ainda presente, tanto para si, quanto para todos aqueles que participam da comunidade, num trabalho intenso e marcado pelas limitações e possibilidades no uso da memória.

Aliás, as estratégias verbais aliadas à curiosidade do leitor foram utilizadas pelos narradores românticos para se poder criar um público leitor ávido e fiel. É também interessante ressaltar que a circulação inicial dos romances ocorre nas páginas dos periódicos; além de noticiar os principais acontecimentos, os jornais publicavam também folhetins estrangeiros traduzidos, dando início à formação de um novo tipo de leitor: alguém que aprecia as histórias folhetinescas e compra o jornal para poder acompanhá-las.

Pesquisadores brasileiros e estrangeiros vêm se debruçando sobre esses discursos digitais, a partir de várias leituras, investigando o seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, multidisciplinar; nesse sentido, interpretando a importância de trazer para o debate as escritas memorialísticas do universo virtual, Chartier (1999, p.126) destaca: “Com o texto eletrônico, enfim, parece estar ao alcance de nossos olhos e de nossas mãos um sonho muito antigo da humanidade, que se poderia resumir em duas palavras: universalidade e interatividade”. Nesse sentido, pode-se supor uma nova caracterização do autor diante do advento do hipertexto eletrônico:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados [...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do autor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. (CHARTIER, 1999, p. 236)

Os princípios teóricos que podem balizar a compreensão da memória autobiográfica podem servir de guia na viagem entre a polissemia e a polifonia dessas vozes; a polissemia (Sandmann, 1990) na medida em que permite múltiplas leituras; a polifonia (Bakhtin, 1999) se inscreve nesse ambiente de afirmação do heterogêneo, da multiplicidade de vozes, que se impõem por sua autenticidade, como sujeitos dos seus próprios discursos, das várias vozes integrantes do projeto

de fala do sujeito comunicante; utilizando-se da cena enunciativa, o sujeito argumenta, faz com que os atuantes do processo de enunciação movam-se, dando vida aos conteúdos discursivos, através da palavra, e assim, a partir dela, pode-se indagar, construir, desconstruir, reconstruir e buscar novos sentidos, no processo de reinvenção do eu e do outro.

Uma ampliação, em termos históricos, dos trabalhos com a memória é proposta por Lejeune (2008), ao considerar que, atualmente, graças à tecnologia, as escritas e testemunhos de si apresentam-se em novas formas na internet. É possível observar, assim, que as escrituras do eu nos diários, correspondências e blogs vêm se destacando como fontes para investigação. Este gênero possibilita um ângulo privilegiado para a percepção dos microfundamentos sociais nas escritas de si. Talvez, a reflexão de Lispector (1980, p.86): “[...]cada palavra é uma idéia. Cada palavra materializa o espírito. Quanto mais palavras eu conheço, mais sou capaz de pensar o meu sentimento” possa instigar a produzir os sentidos das escritas digitais dos alunos.

Por sua vez, ao analisar a escrita memorialística, Lacerda (2003) nos instiga a pensar:

[...] essa escrita pode assumir outras denominações, como romances pessoais, diários intimistas, crônicas memoriais e romances autobiográficos, embora todas elas sejam sobreposições da trilogia clássica ou mais conhecidas: diário – memória – autobiografia. O que diferencia basicamente essas formas literárias de outras são as marcas da escritura do eu e os modos de inscrição de si mesmo, que resultam num pacto denominado por Philippe Lejeune de pacto autobiográfico. (LACERDA, 2003, p.38)

No que diz respeito à construção do meu objeto de pesquisa<sup>9</sup>, a primeira etapa do trabalho foi a de constituir um corpus documental, no período de dezembro de 2009 a dezembro de 2010, acompanhando e gravando arquivos com os *scrap*s dos usuários<sup>10</sup> das comunidades do *Orkut* de dez escolas<sup>11</sup> no Rio de Janeiro, observando as escritas memorialísticas dos sujeitos relacionadas às suas histórias escolares. Em seguida, iniciaram-se os contatos com dez moderadores<sup>12</sup>, para

9 A tese foi defendida no PropEd em 2012, no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, sob orientação da professora Dra. Ana Chrystina Venancio Mignot.

10 Optei em abreviar os sobrenomes dos sujeitos e esfumegar as imagens gravadas nos arquivos para preservar a identidade dos usuários.

11 Públicas, particulares e confessionais: Colégio Pedro II/Engenho Novo/RJ, Colégio Santo Inácio/RJ, Colégio Sion/RJ, Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro, Instituto Superior de Educação/ RJ, Colégio Estadual Amaro Cavalcante/RJ, Colégio Militar/RJ, Colégio Marista São José/RJ, Colégio de São Bento/RJ, Instituto Abel/RJ.

12 Usuários responsáveis pelas comunidades escolares do Orkut.

que eu pudesse ter acesso às comunidades, enviando-lhes uma carta<sup>13</sup> para aproximação; obtive o retorno de quatro moderadores das seguintes comunidades escolares: Colégio Militar do Rio de Janeiro, Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, Colégio de São Bento do Rio de Janeiro e Instituto Abel do Rio de Janeiro; a escolha pelas três escolas centenárias, situadas na cidade do Rio de Janeiro, foi um critério de seleção para a pesquisa, uma vez que o Instituto Abel localiza-se em outra cidade do estado do Rio de Janeiro. Assim, retomei o contato via e-mail, solicitando-lhes uma possível resposta a algumas questões<sup>14</sup> que foram inspiradas no questionário<sup>15</sup> formulado por Alberca (2000). Após receber as respostas dos questionários dos moderadores, procurei chegar aos usuários, ex-alunos das escolas, procurando entrecruzar dados com os *posts* dessas comunidades escolares do *Orkut*.

Sibilia (2008) explica que a utilização dos blogs, *Orkut* e outras redes sociais virtuais seriam estratégias que os sujeitos do tempo da internet colocam em ação para responder a essas novas demandas socioculturais, balizando outras formas de ser e estar no mundo. Por sua vez, Lacerda (2003) sugere que o exercício de análise nas escritas autorreferenciais possibilitam revisitar os acontecimentos, as histórias escolares; entretanto, acredito que há de se observar também omissões e silenciamentos nesses *posts*. Será que essas narrativas representam apenas um registro escrito? Penso que também haja troca de ideias, fortalecimento de vínculos afetivos nessa rede social virtual.

Ainda recorrendo às escritas dos usuários da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, observam-se a seguir outros *posts* imbuídos de emoção, ao comentar sobre as práticas de aula nos laboratórios daquela instituição de ensino:

---

13 Nessa carta encaminhada em 14/09/2010, eu me apresento aos moderadores das comunidades escolares como pesquisador do ProPEd, enfatizando o meu interesse pelas postagens naquelas redes sociais do Orkut; terminei esse texto, deixando à disposição o meu endereço eletrônico, aguardando um possível contato daqueles sujeitos.

14 Quando surgiu e qual(is) o(s) motivo(s) que o levou a ser um moderador na comunidade da sua escola no Orkut? Há algum estatuto para ser moderador? Qual o papel do moderador nesta comunidade virtual? Você usa algum mecanismo para verificar de fato que um novo usuário realmente teve algum vínculo com a sua escola? Qual o mecanismo? Quais as regras utilizadas para se permitir o acesso de um(a) novo(a) usuário(a)? Você armazena todas as escritas dos usuários? Caso afirmativo, quais os critérios que você utiliza para armazená-las? Com que frequência você acessa a sua comunidade? Por quê? Na sua opinião, qual(is) o(s) motivo(s) que estimula(m) o usuário a participar desta comunidade? Quais os Fóruns que você criou com mais postagens? Você poderia identificar qual é o tema mais recorrente nesta rede de sociabilidade virtual? Você já promoveu algum encontro presencial com os usuários da comunidade? Tem vontade de fazê-lo? Alguma vez você já leu algo postado por algum usuário, do qual você não tenha gostado? O que fez? Assinale quais os tipos de textos que você mais percebe circular na comunidade: poemas, canções, crônicas, recordações, relatos, pensamentos, artigos, correspondências, fotografias, imagens.

15 A pesquisa desse pesquisador espanhol, aplicada em 1995 e 1996, na cidade de Málaga, aos alunos universitários e do ensino médio, num total de 702 sujeitos, entre homens e mulheres, procurava entender, se mesmo num mundo dominado pela cultura audiovisual, havia espaço para a cultura escrita de um diário.





Aprendi muito com aqueles recipientes, aquelas balanças, aqueles elementos químicos... Muita saudade... BJS<sup>16</sup>  
Se fosse contar as vezes que eu tinha dor de cabeça nas aulas práticas... perdia as contas... e a nossa turma dizia... Relaxa Beth!!!!Saudades...<sup>17</sup>

Cenas da geografia escolar, do cotidiano escolar e os cenários locais se mesclam nas histórias escolares dos sujeitos, anunciando um tom romântico nessas escritas memorialísticas. Parece que as aulas práticas nos laboratórios do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro ficaram marcadas mesmo pelos sujeitos, deixando-os com saudades, ainda que a usuária Beth afirme que tinha sempre dor de cabeça naqueles encontros.

Nas narrativas românticas, o segredo merece destaque e, nessa acepção, o narrador procura estabelecer um diálogo com o seu interlocutor, contar um segredo, uma confidência, quem sabe, preferencialmente, em voz baixa, num sussurro para que ninguém escute; partilhada entre duas possíveis pessoas íntimas, essa prosa simula uma conversa com o leitor, criando um clima de cumplicidade com o mesmo; é assim que se pode ver, a seguir, um trecho de uma narrativa brasileira clássica.

É coisa singular, minha prima! O amor que é insaciável e exigente e não se satisfaz com tudo quanto uma mulher pode dar, que deseja o impossível, às vezes contenta-se com um simples gozo d'alma, com uma dessas emoções delicadas, com um desses nadas, dos quais o coração faz um mundo novo e desconhecido. Não pense porém, que eu fui a Petrópolis só para contemplar com enlevo as janelas de um chalé; não; ao passo que sentia esse prazer, refletia no meio de vê-la e falar-lhe. (ALENCAR, 2009, p. 22)

Nota-se que essa estratégia narrativa torna a tarefa do romance de costumes mais simples: discutir comportamentos, fazer a propaganda de valores morais e sociais. Nesse sentido, nessas escritas se acumulam vivências afetivas, sensoriais, conceptuais, provocadas pela experiência dos sujeitos.

Sem a pretensão de esgotar a discussão sobre as memórias dos sujeitos nas comunidades escolares do Orkut, percebe-se que o exame de determinadas manifestações da escrita pode permitir o entendimento da representatividade, dos interesses sociais, das escolhas de atribuições de sentido, ou seja, saber que as particularidades das escritas têm um sentido socialmente construído.

---

16 Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pelo usuário Jayme em 24/08/2009.

17 Escrita retirada do Orkut em 10/09/2011, Fórum *Biomédica/anos 74/75, onde estão os colegas?*, da comunidade do Colégio Marista São José do Rio de Janeiro, postada pela usuária Beth em 24/08/2009.

Estas postagens constituem elos do tecido das lembranças dos sujeitos que não se intimidam em contar as suas histórias nesses novos suportes de escrita. Talvez, a saudade e a solidão busquem acolhimento e companhia nos cliques dos usuários, remetendo-os aos acontecimentos passados; os ex-alunos compartilham experiências, sentimentos e saberes; nesse sentido, percebe-se que essas escritas autobiográficas nas comunidades escolares do Orkut também constroem esses sujeitos no suporte digital.

Assim, este artigo num horizonte multidisciplinar, procura ampliar a discussão sobre os lugares de memórias da escolarização, buscando contribuir para os estudos da história da Educação.

## REFERÊNCIAS

ALBERCA, Manuel. **La escritura invisible**: testimonios sobre el diario íntimo. Madrid: Sendero, 2000.

ALENCAR, José de. A viuvinha. *In*: **Cinco minutos e a viuvinha**. São Paulo: Ed. Ciranda Cultural, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

CHARTIER, Roger. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

DARNTON, Robert. História da Leitura. *In*: BURQUE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyeurismo**: o diário íntimo de Couto Magalhães (1880-1887). Rio de Janeiro: Eduerj, 2009.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de Leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ufmg, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

PERPÉTUA, Elzira. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA, M. I. (org.). **Para que serve a escrita?** São Paulo: EDUC, 1997.

SANDMANN, A. J. Polissemia e Homonímia. In: NEVES, M. H. de. **Descrição do Português**. Revista do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano IV, n. 1. São Paulo: Unesp, 1990.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Revista Projeto História – Ética e História Oral**. Programa de Estudos Pós-graduados em História. São Paulo: EDUC, 1997.